

O CONCEITO JURÍDICO DO SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO

DISCURSO PRONUNCIADO NA SOLENIDADE DO SERVIÇO MILITAR EM VITORIA

Pelo Dr. LINDOLPHO BARBOSA LIMA
Procurador regional da República
no Espírito Santo

O Dr. Lindolpho Barbosa Lima reúne na sua personalidade a retidão e a serenidade do magistrado, a insociabilidade do sociólogo e a sensibilidade do artista nato.

Homem do ideal, o seu espírito sonha por melhor vida em sociedade onde domine a bondade e a justiça.

Homem do dever, a sua razão dobra-se às contingências da vida real, em que impera a ambição das nações e para o espectro da guerra, cruento, trágico e funesto.

O seu estudo sobre o conceito jurídico das Forças Armadas aflora de suas concepções idealistas por força do sentimento de responsabilidade do homem público, no choque com os problemas concretos da vida social. Nele se encarna a compreensão que se encaminha por querer todos os esforços do país orientados não apenas para o seu engrandecimento mas principalmente em pró de sua conservação e de sua defesa. — T.A.A.

O chefe da 3.^a C. R. Ten.-Cel. Rosemiro de Freitas Marinho, escolheu-me para falar sobre a solenidade a que dais o realce da vossa presença.

Esse convite o acolhi sob o penhor da minha lealdade. Cumpre-me, pois, selar com o timbre da verdade o sentido real desta solenidade, como fato de exaltação da Pátria. Contudo, seja-me permitido roubar um momento ao magno assunto, para fazer certo relêvo pessoal de um de entre todos nós presentes, como homenagem às qualidades de um chefe militar.

O convite, com que me distinguiu o chefe da 3.^a C. R., o tive por uma ordem irrecusável, tal conceito me merece o honrado soldado que, nesta hora, preside os trabalhos de recruta-

mento militar nesta Circunscrição da República. Tanto mais grata a incumbência posta a meu cargo, quanto certo que a distinta officialidade da 3.^a C. R. não discrepa do meu juizo sôbre o outorgante do mandato em virtude do qual falo. Dest'arte, quero acentuar que meu pensamento não se mede pela subordinação à oferta da outorga, deprimindo-a na essencia da sua espontaneidade. Ao contrário, tem o preço de estimativa moral da representação desta Circunscrição, onde tanto impera a cordialidade, como a disciplina impera: sintoma de harmonia, preságio de nobreza do sentimento, indício de efeitos benéficos do trabalho coordenado, que gera a fôrça representativa do pequeno núcleo de cabeças dirigentes do serviço de recrutamento neste Departamento da Federação Brasileira.

Não terá atingido a perfeição o trabalho da 3.^a C. R., que se não supõe o tipo modelar das congêneres no cumprimento do dever de servir fielmente à Nação. Aqui, como nos demais Estados da República, há falhas no serviço, mas estas só quanto aos imprevistos de cada dia e com relação aos meios de atividade, falhos na sua acepção de desdobramento da ação de superfície, de natureza mecânica, por falta, muitas vezes, de propulsão natural dos métodos práticos do trabalho, em virtude do acúmulo das funções que exigem, por sua vez, direção especial de capacidade técnica, ao passo que as cabeças responsáveis são bem poucas para dirigir com precisão os diversos setores desta Administração Militar.

Uma Circunscrição de Recrutamento — com suas diversas seções, sua tesouraria, seu arquivo, seu serviço secreto, suas constantes relações com o meio civil e o militar, sua interdependência da ordem hierárquica e meio governamental, sua Junta de encargo jurídico da situação dos alistados e sorteados, e, finalmente com a coordenação de seus serviços interno e externo, qual o da fiscalização dos diversos órgãos do alistamento, sob todos os aspectos de sua expansão — constitue um conjunto administrativo de múltiplas faces, cujo centro de gravidade só se mantém pela influência superior da voz do comando. Aqui, porem, ao pé da realidade, acontece que,

sendo exíguo o número de oficiais, é muito o que se faz e não menos do que seria possível se fizesse.

Esse êxito — a cavaleiro da situação de fato — atesta-o a expressão de um comando sereno que sabe se equilibrar entre a razão imperiosa dos fatos e a evidência de uma contribuição que multiplica as ordens e os cálculos de projeção da força e do prestígio dêsse comando.

Eis o espírito de camaradagem e de ordem da 3.^a C. R.

Partamos porem, dêste âmbito estreito da agitação quotidiana, monótona, de alguns cérebros e vejamo-lo para mais longe, no cenário uniforme da organização, de conceito atual, do Exército Brasileiro, dentro do grande mundo da República.

Não vos detenho diante do fato incolor do sorteio sob seu aspecto mecânico, que, positivamente, só nos oferece um conceito de manifestação interior — o que sentimos através da objetiva emocional daqueles, em tão grande número ausentes de nós, submetidos ao sorteio e, que por força dêste, à mercê de um simples movimento com que lhes atira o destino a luva da sorte.

O assunto em foco revive sempre a memória do governo do Marechal Hermes da Fonseca ao qual deve o país a organização democrática do Exército, no tocante à contribuição de todos para o serviço militar obrigatório mediante sorteio, em cuja consequência deve cada cidadão se saber soldado, qual guerreiro de elmo a pluma e lança em riste pronto para a investida de defesa da soberania da Nação.

Já não se me ajusta tanto à mente — permiti vos diga — o estilo das arrancadas épicas do pensamento. Mas, na verdade, de tanto não exclue o imperativo do ideal, principalmente dêsse ideal tantas vezes sublime da grandeza espiritual da Pátria, não libertada, como todos os povos do planeta, da necessidade de manter fôrças armadas em face das injunções da guerra, embora o paradoxal contraste da civilização vista diante das mais surpreendentes descobertas científicas que o despudor dessa mesma civilização explora como elemento de destruição do homem, dos povos, da humanidade.

Não fôra — é certo, não ha negá-lo o aceno único da esperança de vitória das armas de defesa da liberdade dos povos, o homem teria já a certeza plena de sepultar-se nas sombras dessa civilização, que veio se postergar a si mesma no crime dos golpes feros da surpresa e da traição, conduzida, nos seus requintes de involução, pela filosofia do cinismo, guiada nas suas realizações de conquista pela ambição incontida da instituição de novos impérios e, por fim, autopsiada no flagrante impudico de sua própria nudez, tentando reduzir o homem ao automatismo da própria alma, roubada, vilipendiada, estigmatizada a liberdade espiritual das nações.

Os enlevos da oratória, pois, já não arrebatam mais para as regiões azues do sonho e da ilusão, como quando dos tempos em que o homem, feliz, calmo, despreocupado, podia sonhar e ter em repouso a mente e o coração.

Esse homem do sonho e da ilusão desapareceu, não existe mais. Hoje, o homem é outro; tomado da inquietação de espírito, é aquele cuja palavra e pensamento têm o ritmo dos efeitos trágicos da guerra.

De fato, a realidade é cruciante: o clangor das armas está por tôda a parte. Os homens e os povos já não têm o dia e a noite para o trabalho e para o repouso. Outro é o aspecto da vida: a realidade mundial é a da guerra.

Por sôbre as obras fundamentais de maior relêvo dos tempos passa o espetro da morte, como o relâmpago das tempestades.

Sopram ventos furiosos de ameaça aos destinos de paz do mundo inteiro. Ventos impetuosos das iras dantescas uivam pela boca das granadas de alto poder mortífero, num movimento ciclópico de destruição das nações inteiras, que se reduzem a cinzas...

Comanda o furor da hecatombe o espírito do terror.

Nunca a humanidade assistira a destroços tamanhos da vida: nunca a humanidade assistira a sucessos assim tão infaustos, tão cruentos, tão trágicos, tão funestos. A realidade do poder da fôrça só se opõe a realidade de uma fôrça maior.

Inevitável, portanto, cuide sèriamente cada povo de sua completa organização militar e da eficiência de seus exércitos.

País pacifista, não obstante, o Brasil precisa de bases seguras de resistência militar concreta de capacidade de defesa contra os atentados da brutalidade, ora convertidos em princípio de fôrça e de conquista a título de padrão de civilização nova da humanidade.

Eis que em bõa hora sancionou o govêrno da República a lei do serviço militar obrigatório, que a todos obriga e a ninguém excusa, postos em pé de igualdade todos os cidadãos capazes, forma essa de recrutamento que vem servir de advento da organização impressionante da nacionalidade para os possíveis embates da guerra, que ameaça, qual convulsão fatal, o mundo inteiro.

Ao contrário do senso de repulsa geral do sorteio militar, êste teve para logo a virtude de extinguir o mal que residia na espécie descentralizada, do meio social brasileiro, do soldado profissional, embora quasi sempre êste cheio do valor inconsciente da sua coragem, que tambem se manifestava, negativamente, pelo prisma da indisciplina e da insubordinação, negação assim manifesta das virtudes da ordem pública.

De fato, as fileiras do Exército eram, d'antes, profissionais, fato que perdura na existência das fileiras profissionais das praças razas das Policias Militares, que precisam de ser transformadas em valores da cidadania, integradas, assim, no conceito dos destinos humanos da sociedade.

O serviço militar obrigatório, no seu conceito de doutrina e de princípios democráticos, exclue a organização de fôrça armada de fileiras razas profissionais. De fato, estranha é a concepção de ordem democrática das fileiras razas do Exército e ao critério de unidade eficiente das fôrças armadas a existência de fileiras razas de soldados profissionais. Isto posto, reservas do Exército Nacional, fôrças auxiliares do Exército Nacional, as Policias Militares deviam ser integradas na organização democrática do serviço militar obrigatório,

fundidas no próprio espírito de ordem do Exército Nacional, segundo o imperativo da lei que teve por fim e efeito extinguir a classe da praça mercenária e restituir ao soldado a sua qualidade precípua de cidadão consciente do seu dever para com a Nação.

Só dessa forma, creio, se poderia atingir o ideal de um comando único eficiente de tôdas as fôrças de terra da Nação, unidas num só corpo, numa só alma e num espírito único, num regime de disciplina e de ordem, num regime único de eficiência da nossa organização militar.

O serviço militar obrigatório é, sob êsse aspecto de sã doutrina democrática, a instituição orgânica da defesa solidária da República. A esta altura chega a instituição e mais alto ainda se levanta, nesta hora, em que cada homem deve ser de fato um verdadeiro soldado, por isto mesmo que a razão da consciência livre dos povos não tem mais o conceito da política humana entre as nações !

Impõe-se a formação de nova mentalidade do soldado.

Modificou-se o conceito de fôrça dos exércitos: não se entende mais a ação dos exércitos isolada da ação em conjunto das fôrças humanas de uma nação. A função do operário, que produz o material bélico e do lavrador que deita a semente ao chão não se distingue mais da do soldado que empunha a arma de combate no mar, em terra e no ar.

O conceito da fôrça toma, sugestivamente, a sua última forma palpitante de expressão: é a tendência de manifestação final da falsa civilização das formas convencionais da violência, moduladas pelo ritmo dêstes novos tempos de conquistas da guerra. Portanto, o serviço militar obrigatório, que, segundo o espírito da lei, estende a mão por sôbre todos, sem a ninguém excetuar, deve trazer com a realidade prática da sua fôrça o timbre característico da solidariedade absoluta a todo preço. Só a caserna, pois, pode formar o soldado de que precisa o país: essa necessidade viva clama, em verdade, pela unidade de espírito de tôdas as fôrças armadas, num conjunto único marcial de consciência nacional.

O estilo de literatura de fantasias é inócuo: o estilo do pensador deve ser de clareza meridiana e sincera, deve ser de opinião.

O estilo literário de visão exterior da Pátria, já não se ajusta também ao momento crítico que atravessa o mundo. Empolga-nos, por certo, o aspecto maravilhoso das nossas cordilheiras e das nossas florestas, da riqueza do nosso sub-solo, das alvoradas e dos crepúsculos do norte, do sul, do leste e de oeste, qual gama colorida dos soluços musicais e dos suspiros sonoros da nossa alma, assim como nos embevece o sussurro das águas rumorejantes do regato, que inspirou a poesia da nossa mocidade. Mas a civilização do sentimento fictício, que fez do coração do homem o ritmo das pancadas da inquietação do espírito, nos roubou aos encantos da vida simples à moda dos tempos patriarcais.

A realidade é bem outra: é a da experiência de cruéis provações que jogam com a vida para os abismos da tragédia!

O tema lançado nestas proporções é vasto: forçoso é reduzi-lo à síntese dos termos do assunto em foco.

Tão dura verdade dos fatos da atualidade humana impõe a concepção de uma pátria emoldurada nos rasgos e nos vãos dos arremessos de granito. À essa pátria é de vê-la na consubstanciação de tôdas as fôrças vitais da nacionalidade pelo prisma do seu conceito de virtudes da alma, pela feição interior do seu passado, da sua história, e das suas tradições, qual fato de condensação espiritual das energias humanas de feição da consciência histórica e do determinismo de evolução do espírito nacional.

À essa pátria é de vê-la pelo prisma da evolução humana, conceituada na forma da atualidade histórica, una e indivisível, sob pena de sua dissolução, talvez, em momento de guerra, como aconteceu desgraçadamente à França, essa eleita do pensamento, hoje sob o tripudio da escravidão!

Eis a minha conclusão: o soldado é o povo, como o cidadão é a pátria, o povo e a pátria tidos como conceito humano da consciência disciplinada.

Sôbre essa consciência disciplinada da atualidade, segundo aquele conceito de pátria cai o reflexo aurifulgente da imortalidade dos nossos heróis.

Nosso passado tem páginas de ouro, nosso passado abunda em exemplos do valor espiritual do homem: invoquemos, nesta hora, êsse valor espiritual do padrão de consciência histórica da Nação.

Nossa história militar tem facetas imarcessíveis à estrutura de granito.

O monumento espiritual de suas memoráveis tradições reponta em perfis de destaques famosos desde a coragem da gente brava das fileiras razas até o conceito épico dos comandos em chefe.

Confundem-se, na verdade, os feitos e os homens na epopeia do valor e da gloria: êsse valor e essa gloria confundem-se, sinteticamente, na decisão incomparável de Barroso e na bravura sem par de Marcilio Dias; no arrôjo de Osorio e na intrepidez calma de Antonio João; na dedicação indescritível de Poty e no ardor guerreiro insaciável de Henrique Dias; na impetuosidade marcial de Maria Quitéria e na arte épica intangível do Duque de Caxias, o gênio Militar da raça.

Essa representação heróica do amor e da honra da Pátria, guarda-a o bronze imperecível da nossa história: êsse o padrão de consciência histórica das gerações.

Eis o rumo apontado àqueles que tem a correr nas veias o sangue dos nossos heróis, cujo espírito não pode ser desmentido sem a nossa deshonra.

Soldados do Brasil, eis o evangelho do verdadeiro patriotismo.

**Serralheria Artística - Construções Metálicas.
Esquadrias Metálicas - Venezianas de enrolar.**

Empresa Metalúrgica

L. Castier, Ltda.

Rua Annibal Benevolo, 99/107 (antiga D. JULIA)

Fone: 22-8846

RIO DE JANEIRO